

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

PEDRO HENRIQUE BRANDÃO PAULO MALDONADO
REBECCA MARIA DO AMARAL E MELO
VERÔNICA DAS CHAGAS SILVA

**ALCOOLISMO PARENTAL E DESENVOLVIMENTO
INFANTIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA ACERCA
DAS CONSEQUÊNCIAS**

RECIFE/2020

PEDRO HENRIQUE BRANDÃO PAULO MALDONADO
REBECCA MARIA DO AMARAL E MELO
VERÔNICA DAS CHAGAS SILVA

**ALCOOLISMO PARENTAL E DESENVOLVIMENTO
INFANTIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA ACERCA
DAS CONSEQUÊNCIAS**

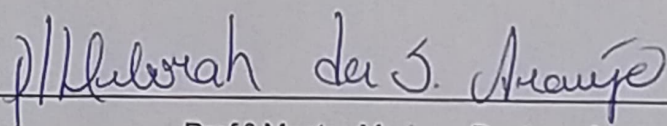
Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,
como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em
Psicologia.

Professor Orientador: Prof^a. Mariana Bentzen Aguiar

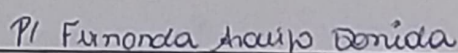
PEDRO HENRIQUE BRANDÃO PAULO MALDONADO
REBECCA MARIA DO AMARAL E MELO
VERÔNICA DAS CHAGAS SILVA

**ALCOOLISMO PARENTAL E
DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO
SISTEMÁTICA ACERCA DAS CONSEQUÊNCIAS**

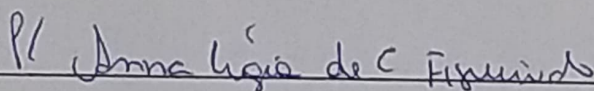
Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia, pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:



Prof.º Mestre Mariana Bentzen Aguiar
Professor(a) Examinador(a)



Prof.º Mestre Janicleide Nascimento de Souza
Professor(a) Examinador(a)



Prof.º Doutora Lianny Milenna de Sá Melo
Professor(a) Examinador(a)

Recife, 04/12/20

NOTA: 9,25

Aos nossos pais: Laís e Mário, Jaime e Esmeralda, Rosa e Bernardo.

À minha mãe biológica Suely.

Às minhas tias Leide e Lêda.

Aos meus filhos Gileno e Iasmim.

À nossa orientadora Mariana

Às memórias de Esmeralda, Jaime, Leny, Lúcia e Rafael.

Aos meus amigos André, Bruno, David, Jéssica, Luiz e Patrícia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas nossas vidas e por nos conceder saúde, coragem e discernimento para enfrentar e superar os desafios encontrados ao longo desta jornada de cinco anos.

Aos nossos pais, tios, irmãos, parentes e amigos, que nos incentivaram e motivaram nos momentos difíceis e compreenderam nossa ausência quando estávamos nos dedicando à realização deste trabalho.

A esta Universidade, seu corpo docente e aos coordenadores do Curso de Psicologia, que nos ajudaram e nos viabilizaram esse novo horizonte que hoje contemplamos.

Aos professores: Camila Christielly, Carla Lopes, Cássia Brioli, Diana Moura, Gabriela Arruda, Janicleide Souza, Jorge Roberto, Josene Ferreira, Lianny Melo, MacDouglas Oliveira, Margarida Dantas, Mariana Pessôa, Moanna Braga, Paula Shinozaki, Rafael Tenório, Ramon Soares e Sandra Auon, pelos ensinamentos, por todo respeito, amor, carinho e dedicação conosco.

Às nossas supervisoras de estágio: Nivaneide Ferreira e Renata Dias, pelas instruções, pelo apoio, por nos ouvir e nos guiar em direção a um bom fazer clínico.

Às nossas preceptoras de estágio: Gessivânia Moura e Juliana Siqueira, pelo amor, carinho, respeito, ajuda, dicas e recepção. Por nos liderar, administrar nossa agenda e, acima de tudo, pela paciência.

E, principalmente, nosso muito obrigado à nossa Orientadora de TCC, Mariana Bentzen Aguiar, pelas correções e orientações incríveis. Sem elas, certamente não teríamos chegado da maneira que chegamos ao fim deste estudo. Agradecemos seu dinamismo na maneira de conduzir as orientações, apesar das intempéries e mudanças que a pandemia de 2020 causou na vida de todos.

Obrigado à vida!

*Quem olha para fora sonha, quem olha para
dentro desperta.*

(Carl Jung)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	3
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	6
2.1	Alcoolismo	6
2.1.1	Conceitos e definições.....	6
2.1.2	Sintomas do alcoolismo.....	9
2.1.3	Efeitos do alcoolismo.....	9
2.1.4	Alcoolismo Parental	11
2.2	Desenvolvimento Infantil.....	14
3	DELINEAMENTO METODOLÓGICO	17
4	RESULTADOS	18
5	DISCUSSÃO.....	20
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	27

ALCOOLISMO PARENTAL E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA ACERCA DAS CONSEQUÊNCIAS

Pedro Henrique Brandão Paulo Maldonado

Rebecca Maria Amaral e Melo

Verônica das Chagas Silva

Orientador: Profa. Mariana Bentzen Aguiar¹

Resumo: Esta pesquisa aborda o tema do alcoolismo parental e tem como objetivo compreender quais os efeitos que essa condição lança sobre o desenvolvimento dos filhos. De acordo com as orientações da organização Mundial de Saúde, o alcoolismo consiste no uso constante, descontrolado e progressivo de álcool. Com vistas a alcançar o objetivo proposto, a metodologia empregada foi a revisão bibliográfica, utilizada de forma sistemática, com a aplicação de critérios sistemáticos e explícitos para encontrar artigos, filtrá-los e analisa-los. Ao todo, foram encontrados 39 (trinta e nove) artigos e, dentre eles, selecionados 29 (vinte e nove) artigos acadêmicos, mais 1 (um) livro e consulta ao DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatística das Desordens Mentais – 5ª revisão), cujas datas de publicação se deram no período compreendido entre os anos de 1999 a 2019, para os artigos, e 1988, para o livro. Na discussão, os pontos centrais focam nos potenciais impactos que o alcoolismo repercute na dinâmica familiar da pessoa alcoolista, bem como as consequências dessa situação no desenvolvimento da criança filha de pais alcólatras e os efeitos psicológicos, sociais e comportamentais que as crianças submetidas a um ambiente de alcoolismo parental experimentam. Neste estudo, verificou-se que crianças que são submetidas ao ambiente do alcoolismo, precisam de cuidados específicos.

Palavras-chave: Alcoolismo. Alcoolismo parental. Desenvolvimento Infantil. Consequências do Alcoolismo.

1 INTRODUÇÃO

É notório que o consumo de álcool tem aumentado significativamente nas últimas décadas. De acordo com pesquisas realizadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), este aumento está ligado à expansão da indústria de bebidas

¹ Possui graduação em Psicologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e especialização em Intervenções Clínicas na Abordagem Psicanalítica pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). Atualmente é doutoranda no programa de Psicologia Cognitiva da UFPE e professora da UNIBRA. E-mail para contato: marianaaguiardocente@gmail.com.

alcoólicas, ao desenvolvimento turístico, como também ao grande número de pessoas desempregadas (OMS, 2010).

O álcool etílico ou etanol é uma substância amplamente difundida e consumida globalmente. O álcool é entendido como uma droga lícita, consumida em diversos eventos e celebrações sociais e familiares, além de ser uma bebida utilizada em refeições. Acerca de seu consumo, podemos dizer que há uma diferença entre o uso recreativo, social, e o que chamamos de alcoolismo. A OMS define que o alcoolismo é caracterizado pelo uso contínuo, descontrolado e progressivo de álcool. Assim sendo, não se trata exatamente da quantidade de álcool ingerida, mas sim dos sintomas de dependência desse consumo (OMS, 2010).

Por ser uma droga muito acessível, seu padrão de consumo difere entre nações e regiões pois o seu uso está atrelado à diversas culturas populacionais. Nesse sentido, no Brasil assim como em muitos países seu uso é proibido para menores de 18 (dezoito) anos de idade, contudo, essa limitação não impede que menores de idade sejam acometidos indiretamente pelo uso abusivo de álcool realizado por familiares.

No que tange ao alcoolismo na fase adulta, as questões oriundas do consumo exagerado de álcool representam um dos maiores problemas relativos à saúde pública em vários países. A Organização Mundial da Saúde (2010) afirma que o indivíduo que sofre com o uso excessivo de álcool está sujeito a problemas que atingem sua saúde física, mental, bem como interfere no comportamento social, na vida familiar e profissional.

Desta maneira, fica explícito que o alcoolismo não afeta somente a pessoa alcoolista, pois, além do comprometimento físico e mental do indivíduo, o problema também repercute nos familiares que convivem diretamente com a pessoa nesta condição. Ou seja, os impactos do alcoolismo se estendem a nível familiar e social, provocando, na maioria das vezes, conflitos sociais e familiares (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005).

Acerca disso, Zanoti-Jerônimo (2005) destaca que a condição do genitor (a) ou da figura de afeto em situação de alcoolismo, interfere diretamente na dinâmica psicológica dos filhos, ocasionando muitas vezes distúrbios comportamentais, problemas de aprendizado, dificuldades em relacionamentos, problemas no desenvolvimento e até mesmo induzir ao consumo de outras drogas. Chamamos de alcoolismo parental a influência que a dependência pelo álcool da(s) figura(s) parental(is) – seja materna, paterna ou ambas – causa em seus filhos.

Acerca do alcoolismo parental, a literatura (GRANT, 2000) aponta que aproximadamente 1 (uma) em cada 04 (quatro) crianças está exposta aos transtornos e prejuízos que a dependência do alcoolismo parental pode causar na família. Ainda, Wunsch (2011 apud BATISTA, 2015) constatou que o abuso do álcool pelo pai pode conduzir a família a um desequilíbrio funcional, provocando o adoecimento psicológico de seus membros.

Deste modo, Mylant et al (2002) apud Silva (2016) considera o alcoolismo parental como um fator de risco familiar para o desenvolvimento dos filhos que estão sob cuidados neste tipo de contexto. Estudos apontam (SILVA, 2016) que as crianças filhas de pais alcoólicos são mais impacientes, mais irritadas, mais agitadas e demonstram maior dependência. Ou seja, apresentam mais problemas emocionais e comportamentais, quando comparadas às crianças filhas de pais não alcoolistas.

Ademais, Silva (2013) ainda evidencia que pais alcoolistas possuem dificuldade de desempenhar seus papéis na criação dos filhos, pois a atenção está centrada no álcool e, portanto, os cuidados da criança acabam sendo deixados em segundo plano. Instaurando, assim, uma condição de vulnerabilidade na vida dos filhos e potencializando o risco para a saúde e desenvolvimento (SILVA, 2013).

Buscamos aqui, então, optar por estudar o alcoolismo parental em crianças e circunscrever a nossa pesquisa aos impactos que ele causa no desenvolvimento infantil. Compreendemos que o desenvolvimento humano é um processo ativo, contínuo e único, repleto de características e necessidades próprias² dessa fase, pois depende-se do bom entendimento por parte dos cuidadores sobre essas características peculiares para que a criança consiga alcançar seu potencial de desenvolvimento (SILVA, 2013). Ou seja, as condições de desenvolvimento devem estar adequadas e favoráveis. Desta forma, é visível que o alcoolismo parental se apresenta como um agente fortemente opressor desse ideal de cuidado.

Tendo ciência deste conceito e da magnitude com que esta condição afeta a dinâmica familiar – em níveis físicos e psicológicos – bem como traz obstáculos ao desenvolvimento dos filhos (SILVA, 2016), surge uma questão: quais os impactos do

² Wallon (1996 apud ALMEIDA; ANDRADE, 2017) afirma que a afetividade e o vínculo são absolutamente necessários para que o desenvolvimento infantil ocorra de maneira saudável. Desta forma, as relações interpessoais e o ambiente têm grande influência no processo de aprendizagem (TURKHEIMER, 1991 apud ALMEIDA; ANDRADE, 2017) pois, estes ajudam a criança a ampliar o desempenho das aptidões sociais, afetivas e cognitivas (VIGOTSKY, 1991 apud ALMEIDA; ANDRADE 2017).

alcoolismo parental no desenvolvimento infantil? Abordar essa temática é de grande relevância social, uma vez que o alcoolismo parental apresenta um risco à saúde infantil e para toda a sociedade (SILVA, 2016).

Buscando responder nossa pergunta de pesquisa, o presente estudo objetiva compreender os impactos do alcoolismo parental no desenvolvimento infantil. Para tanto, visando identificar esse fenômeno, serão trazidos conceitos, definições pertinentes ao tema, esclarecimentos sobre o desenvolvimento infantil em um ambiente influenciado pelo uso abusivo de álcool, bem como serão mencionados aspectos considerados importantes e associados a esta condição. Para isso, foi elencado como objetivos específicos deste estudo: (1) caracterizar o alcoolismo parental; (2) caracterizar o desenvolvimento infantil; (3) examinar os principais aspectos desta fase que mais são afetados pelo alcoolismo parental.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Alcoolismo

2.1.1 Conceitos e definições

O álcool etílico, ou etanol, pode ser encontrado em todas as bebidas com teor alcoólico. Essas bebidas são livremente permitidas para maiores de idade. Assim sendo, o etanol é uma droga psicotrópica, lícita, bem como comumente utilizada pela sociedade em geral (SANTOS, 1995).

De acordo informações coletadas no quinto Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, o alcoolismo pode ser entendido como um padrão inadequado do consumo do álcool. Esse consumo exacerbado leva a pessoa ao sofrimento ou comprometimentos clinicamente relevantes, o qual manifesta-se em um período de doze meses, pelo menos dois dos onze critérios que o Manual estabelece. Dois desses critérios são o consumo frequente de maiores quantidades ou por um período mais longo do que o idealizado e o outro critério, a fissura, intenso desejo e necessidade de usar álcool (DSM-IV, 2012).

Sendo o alcoolismo algo que traz consequências negativas, logo tornou-se um objeto de estudo. As teorias psicológicas, especificamente, sugerem que, desde o século XVIII, o fato de beber exageradamente não é uma mera “doença da vontade”

(ALVES, 2003, p. 05), mas que existe a possibilidade de ser consequência de um hábito patológico, sendo o indivíduo acometido por este fenômeno considerado adicto – dependente –. O hábito patológico remete-se a algo que se transforma em uma doença (patologia), como hábito de ingerir bebidas com teor alcoólico. Quando esse comportamento se repete de forma insistente e impulsiva, significa que a conduta do indivíduo se tornou patológica e afeta negativamente vários aspectos de sua vida, sobretudo sua saúde mental e física.

O termo alcoolismo foi introduzido pelo sueco Magnus Huss (1849 apud ALVES, 2003) que o determinou como sendo:

O conjunto de manifestações patológicas do sistema nervoso, nas suas esferas psíquica, sensitiva e motora, observado nos indivíduos que ingeriam contínua e excessivamente bebidas alcoólicas durante um longo período (ALVES, 2003, p. 06).

Ao longo do tempo, foram surgindo várias outras definições, de diferentes autores, que buscavam ampliar esse conceito, tentando dar novas visibilidades ao fenômeno (ALVES, 2003).

De acordo com os ensinamentos de Fouquet (1951 apud ALVES, 2003) alcoolista é aquele indivíduo que de fato perdeu a capacidade de se abster do álcool. Neste mesmo ano a Organização Mundial da Saúde (OMS) considerava os alcoólicos como bebedores excessivos cuja dependência do álcool é tal que apresenta perturbação mental identificável e/ou perturbação que atinge a saúde física, as relações com os outros, o comportamento social, econômico e laboral (ALVES, 2003).

Keller e Efron (1955 apud ALVES, 2003), por sua vez, se referem ao alcoolismo como uma doença crônica, psíquica ou psicossomática manifestada por uma alteração do comportamento e caracterizada pela absorção pertinaz de bebidas alcoólicas em quantidades que excedem o uso habitual alimentar ou em desacordo com os costumes sociais, havendo a interferência com a saúde de quem bebe e o seu bom funcionamento social e econômico.

Após mais de meio século a partir da primeira definição de alcoolismo, podemos notar que surgiram visões mais ampliadas do estudo, incluindo da comunidade científica, relacionando tal condição à problemas de ordem sociais e econômicas, não somente dentro da esfera física e psicológica, como fez o pioneiro na definição do conceito.

Em 1981, Alonso Fernández (1981 apud ALVES, 2003) divide a categoria geral dos alcoolistas em quatro subclasses: bebedor enfermo psíquico, bebedor alcoolizado, bebedor excessivo regular e bebedor episódico. Esta forma de entendimento dotada de vários eixos traz uma perspectiva de concepção individual, pois essas subdivisões em grupos eram organizadas segundo a quantidade e frequência do consumo, tornando possível facilitar o entendimento do lugar exato que a pessoa ocupa enquanto alcoolista, viabilizando assim o direcionamento mais adequado ao tratamento (ALVES, 2003).

Krapelin (1983 apud ALVES, 2003), por sua vez, considera o alcoolismo como uma alteração do caráter com deterioração generalizada. Na concepção de Simonin (1945 apud ALVES, 2003), o alcoolista é aquele que ingere a cada dia uma quantidade de álcool acima do que o organismo pode eliminar.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) faz distinção entre alcoolismo e alcoólico, o qual o primeiro faz menção à doença e o segundo se refere ao doente.

Note-se:

Alcoolismo não constitui uma entidade nosológica³ definida, mas a totalidade dos problemas advindos do álcool, no indivíduo, estendendo-se em vários planos e causando perturbações orgânicas e psíquicas, perturbações da vida familiar, profissional e social com as suas repercussões econômicas legais e morais (CABRAL, 2005).

Atualmente, a Organização Mundial de Saúde define a pessoa em situação de alcoolismo como um bebedor excessivo, cuja dependência em relação ao álcool é acompanhada de perturbações que atingem a saúde mental, física, bem como a relação com os outros, o comportamento social e econômico (HECKMANN, 2005).

Ao mesmo tempo, o termo alcoolismo vem sendo substituído por Síndrome de Dependência do Álcool conhecido pela sigla (SDAS), sendo diferenciada por ser compreendida como um processo no qual a pessoa ficaria paulatinamente dependente da substância, erradicando a visão dicotômica de “tudo ou nada”, ou seja, uma pessoa é alcoolista ou não é (FILIZOLA, 2006).

Ante ao exposto, levando em conta todas as definições colacionadas até aqui, resta claro que todas as concepções sobre o alcoolismo são unânimes em afirmar que é uma condição patológica. Quando esta condição se configura, torna-se potencialmente capaz de causar diversas alterações físicas, mentais e psicológicas.

³ Relativo à nosologia. Ou seja, Campo da medicina que se dedica ao estudo, ordenação e classificação das doenças (BENZATO, 2000).

Assim, suas consequências têm reflexos diretos nos filhos, na família, no ambiente de trabalho e podem trazer traumas permanentes.

2.1.2 Sintomas do alcoolismo

Em consonância com Alves (2003) o alcoolismo está intimamente ligado a fatores de risco ambientais e genéticos. Como já esclarecido anteriormente, o indivíduo cujos genitores padecem de alcoolismo está 04 vezes mais propenso a tornar-se uma pessoa alcoolista. No que tange aos fatores ambientais, as influências comportamentais, sociais e culturais são as mais comuns. Nada obstante, o nível de estresse, ansiedade e a fácil acessibilidade a bebidas alcoólicas também são fatores de risco que podem acarretar o consumo exacerbado do álcool. Sobre o assunto, é mister destacar alguns sintomas relativos ao alcoolismo, tratando-se de características físicas e psicológicas que indicam que o indivíduo pode estar com essa patologia. Veja: a) Compulsão: Desejo incontrolável de ingerir álcool; b) Falta de controle: não conseguir parar de beber depois de ter iniciado; c) Sintomas de abstinência física: náuseas, sudorese, tremores, ansiedade quando não está bebendo; d) Tolerância: Carência de quantidades maiores de álcool para atingir o mesmo efeito obtido com doses inferiores por exemplo; e) Ações ou comportamentos inadequados; f) Humor instável; g) Falta de discernimento; h) Déficit de atenção; i) Transtornos mentais: Depressão, abstinência, psicose etc.

2.1.3 Efeitos do alcoolismo

São inúmeros os efeitos do álcool no organismo humano e esses efeitos variam de intensidade de acordo com as características de cada pessoa. O álcool tende a causar uma desinibição, mas, de acordo com a quantidade ingerida, o indivíduo pode apresentar a perda de resposta a estímulos. Também pode aumentar o ritmo cardíaco, respiratório, sensação de ansiedade e depressão, alterações visuais e auditivas, diminuição do discernimento, perda de consciência, e até mesmo pode ocasionar a morte.

Em seu livro que trata sobre o alcoolismo, o escritor Alves (2003) afirma que em várias circunstâncias o consumo de álcool é considerado normal. A título de exemplo, podemos citar ocasiões quando ele é consumido socialmente em refeições, celebrações e diversos eventos. Contudo, cabe destacar que os padrões, as situações e o tipo de consumo de álcool irão divergir entre nações e regiões. Isso porque o uso

de tal bebida está de acordo com os usos e a cultura dos diversos grupos populacionais.

Estudos realizados por Tobo e Zago (2005) deixam certo que, quando o indivíduo apresenta algum tipo de dependência química, com suas devidas consequências, aumentam os conflitos, crises e problemas rotineiros de seus familiares. Esse aumento de adversidades e problemas, acarreta desgastes físicos e psicológicos, seguido de uma sobrecarga alta para a família. A exemplo, os autores citam as esposas de maridos dependentes de álcool que apresentam sofrimento e um apelo para uma vida de resignação e sacrifícios, acompanhada por sentimentos de solidão, frustrações e tristezas, em virtude da deficiência de seus consortes no exercício do papel de pai e esposo.

Nesses estudos, o alcoolismo do parceiro foi um dos fatores mais frequentes em episódios de agressão contra mulheres, tanto que 72% da amostra estudada apresentaram depressão, 78% mostraram sintomas de ansiedade e insônia e 39% pensaram em suicídio (MEDEIROS, 2013, p. 271).

Com referência do alcoolismo no meio familiar, foi demonstrado em estudos que os descendentes que vivem em um “ambiente alcoolista” são afetados negativamente. Mostrando, todavia, que para cada alcoolista são afetadas cinco ou seis pessoas da família. Estas apresentam problemas de discórdias, falta de credibilidade e desconfianças que são desenvolvidas pela experiência de ter um dependente. E, quando se tem um dependente na família, todos adoecem (FILIZOLA, 2006).

Assim, falar de alcoolismo parental diz respeito a considerar a dinâmica familiar, tornando-a patogênica, ou seja, capaz de desencadear outra patologia de maneira direta ou indireta. Na perspectiva de Alves (2003), os efeitos dessa condição repercutem de maneira negativa nos filhos, sendo possível observar perturbações mais nítidas como problemas psíquicos e somáticos que podem ser desencadeados pela dependência de um ou ambos os pais. Sendo assim, os fenômenos observados nos filhos giram em torno de dificuldade e carências materiais, baixo rendimento escolar, maus tratos físicos, ausência de afeto, isolamento social entre outros problemas (ALVES, 2003).

Portanto, resta afirmativo que a condição médica de alcoolismo ocupa um espaço significativo na sociedade, o que pode acarretar prejuízos sociais, morais,

físicos e psicológicos, bem como prejuízos a terceiros, como, por exemplo, a negligência dos cuidados com os filhos (ALVES, 2003)

Os filhos de pais alcoolistas apresentam, portanto, um estado de saúde deficitário, uma maior frequência de sintomas comportamentais reativos bem como perturbações mais acentuadas da afetividade (ALVES, 2003).

2.1.4 Alcoolismo Parental

Compulsado os artigos referenciados, nota-se que não há uma única definição para o termo alcoolismo parental. Porém, tal conceito advém da junção de dois outros. Assim, podemos inferir que se trata do fenômeno do alcoolismo examinado a partir de uma lente mais ampla, destacado seus impactos no meio familiar. Assim, o alcoolismo parental pode ser conjecturado a partir de um ou de ambos os pais e implica pensar nos acometimentos do alcoolismo – de pelo menos uma das figuras parentais – nos filhos.

É importante citar inicialmente sobre os problemas decorrentes do consumo de álcool durante a fase gestacional. Nessa fase, a criança pode ser afetada pelo uso do álcool da mãe, uma vez que a placenta é permeável ao álcool, podendo suceder uma ação tóxica sobre o feto. Jones e Smith (1973 apud ALVES, 2003) propuseram o termo Síndrome Alcoólica Fetal para se referir aos casos pelos quais eles constataram um padrão de malformações em fetos de mães alcoolistas. Os efeitos decorrem da interferência no desenvolvimento cerebral que pode acarretar alterações congênitas, anomalias do sistema nervoso central, retardo no crescimento, bem como prejuízos no desenvolvimento cognitivo e comportamental.

Segundo o escritor Zanoti-Jerônimo (2005), de maneira geral, o alcoolismo parental está vinculado a uma variedade de resultados negativos para crianças e adolescentes. Alguns estudos demonstraram elevadas taxas de psicopatologias em filhos de alcoolistas, tais como, problemas de ordem comportamental, baixo estima, baixo rendimento escolar, dificuldade de relacionar-se inclusive no ambiente escolar, ou afetivamente, vulnerabilidade ao uso de álcool e outras drogas dentre outras. Ademais, problemas como ansiedade, depressão e desordem de comportamento externalizados e internalizados são mais comuns em filhos de alcoolistas do que de não alcoolistas (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005).

A depressão é um transtorno caracterizado por tristeza profunda persistente e aversão a atividades, pode afetar pensamentos, comportamentos, sentimentos e o

bem-estar de uma pessoa. Por sua vez, a ansiedade consiste em uma emoção caracterizada por um estado desagradável de agitação interior, muitas vezes acompanhada de comportamento nervoso, como o de se embalar de trás para a frente. Por fim, desordem de comportamento indica alterações de comportamento e personalidade (DEL PORTO,1999).

De acordo com Silva (2016) há estudos que mostram que filhos de pais alcoólicos encontram-se em desvantagem numa série de domínios, isso quando comparados com filhos de não alcoólicos, tais como: déficit cognitivo, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento, dificuldades de relacionamento e emocionais.

Déficit cognitivo, é um termo comumente usado para representar o indivíduo que possui dificuldade em realizar o processo cognitivo, como manter o foco ou atenção em algo, ou resolver problemas simples. Portanto, significa que diversas funções cognitivas, como memória, atenção, linguagem, funções executivas e habilidades podem restar comprometidas (SILVA, 2016).

De acordo com a psicologia, a autoestima representa uma auto opinião subjetiva que determinado indivíduo faz de si próprio. Neste aspecto, características como o respeito e a confiança geralmente devem estar atrelados à personalidade do indivíduo. Segundo os ensinamentos deixados por Freud, a autoestima encontra-se vinculada com o desenvolvimento do ego (SILVA, 2016).

Além desses problemas relacionados aos processos psicológicos da criança, os filhos de pais alcoolistas também podem desencadear uma imagem negativamente coerente em relação à figura parental de afeto, ou seja, perdem um ponto de referência que seria um dos genitores e passam a ter uma visão de rejeição ou repulsa em relação àquela figura parental. De acordo com Black (1982 apud SILVA, 2016) crianças filhas de pais alcoólicos crescem com uma imagem dos adultos como sendo insensíveis e descuidados, pois, quando precisam de ajuda, os adultos nunca se encontram disponíveis.

Deste modo, Dutsh (1982 apud SILVA, 2016) mostra algumas características psicológicas de filhos de pais alcoolistas como timidez, insegurança, medo, raiva, ódio e culpa, as quais podem predispor-los a dificuldades de relacionamentos, de aprendizado e no meio acadêmico.

Em vista disso, considerando os impactos no desenvolvimento de filhos de pais alcoolistas em idade escolar, estes apresentaram com mais frequência problemas

acadêmicos e de comportamento, quando comparadas a outras pessoas, na mesma faixa etária e filhos de pais não alcoolistas. No que diz respeito ao desempenho acadêmico de filhos de pais alcoolistas, estes apresentaram notas mais baixas e exibiam pouca organização e motivação em relação às tarefas escolares, especialmente matemática (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005).

Segundo Alves (2003), o alcoolismo parental afeta os filhos sob diferentes formas, como a falta de disponibilidade enquanto fonte de amor, encorajamento e companheirismo, enquanto correm o risco de desenvolver um problema similar posteriormente, afinal a criança aprende com os exemplos observados nos pais.

Esta falta de disponibilidade nitidamente se traduz em falta de assistência, e quando esta assistência não existe por um ou por ambos os membros do casal, uma das crianças corre ainda o risco de assumir responsabilidades pertinentes ao casal, como cuidar de outro irmão e/ou realizar atividades domésticas (ALVES, 2003).

Quando isso acontece, a criança é privada de viver a fase das brincadeiras e diversões. Ela pula fases. Esse excesso de responsabilidades gera uma sobrecarga, surgindo uma criança com problemas adultos.

O alcoolismo parental exerce uma forte interferência sobre a qualidade do meio na infância e dos seus vínculos afetivos com os pais. Este tipo de situação pode ser ainda mais agravado por constantes separações precoces ou pela violência entre seus membros.

Para Kumpferet Bays (1995 apud ALVES, 2003) as crianças de famílias alcoólicas podem estar expostas a altos níveis de violência e abuso familiar e parecem sofrer de níveis mais elevados de injúrias e hospitalizações (Children of Alcoholics Foundation, 1990; Bijur et al., 1992 apud ALVES, 2003), vivendo à base da instabilidade afetiva e em condições visivelmente aversivas.

Grant (2000), por meio de uma pesquisa epidemiológica, constatou que, para crianças e adolescentes abaixo dos dezoito anos, uma em cada quatro está exposta ao abuso do álcool em ambiente familiar, concluindo que há necessidade de abordagens que integrem sistemas de serviços em prol da melhoria dessas crianças. Os transtornos que surgem em decorrência do consumo abusivo de álcool prejudicam consideravelmente os membros da família favorecendo níveis elevados de inadequação parental, conflito interpessoal, violência doméstica, abuso e negligência infantil, bem como outros problemas (REINALDO, 2008).

Sendo assim, grande parte dos estudos que envolvem o alcoolismo parental e seus efeitos no meio familiar e sobretudo nos filhos, apontam-no como sendo um marco inicial para o surgimento de patologias das mais variadas ordens. Podendo ser percebidas alterações no desenvolvimento cognitivo dos filhos, causado por diferentes fatores em decorrência da conduta alcoolista, como a falta de cuidados, de amor e companheirismo e também pelos impactos que o comportamento do pai alcoolista podem ter sobre a personalidade dos filhos, uma vez que, enquanto ainda criança, o indivíduo tende a se espalhar na figura de afeto, como fonte de inspiração para vida.

2.2 Desenvolvimento Infantil

O desenvolvimento infantil é um momento fundamental do desenvolvimento humano. É caracterizado por um processo ativo e único de cada criança, expresso por continuidade e mudança nas habilidades motoras, cognitivas, psicossociais e de linguagem, com aquisições gradualmente mais complexas nas funções da vida diária e no exercício de seu papel social (SOUZA, 2014).

A fase pré-natal e os primeiros anos da infância são definitivos no processo de desenvolvimento, constituído pela interação das características biopsicológicas, herdadas geneticamente, e experiências ofertadas pelo meio ambiente. Sendo assim, o alcance do potencial de cada criança, depende do cuidado adaptável às suas necessidades de desenvolvimento (SOUZA, 2014).

Desta maneira, tal fase é parte essencial do desenvolvimento humano, cabendo salientar que Mustard e Shonkoff (2009;2012 apud SOUZA, 2015) afirmam que nos primeiros anos é moldada a forma cerebral, por intermédio entre a herança genética e influências do meio em que a criança vive. Para o bom sucesso da saúde da criança, é imprescindível a consciência de suas características subjetivas, bem como a existência de condições ambientais favoráveis ao seu desenvolvimento.

Com isso, é fundamental que haja o entendimento da figura parental ou de afeto sobre as necessidades e características comuns à infância, decorrentes do processo de desenvolvimento, pois, assim, favorece o desenvolvimento integral, levando em consideração que os cuidados diários são os espaços para a promoção do desenvolvimento infantil (SOUZA, 2015).

Durante a primeira infância, surgem os primeiros vínculos bem como os cuidados e estímulos necessários ao crescimento e desenvolvimento. Esses elementos são fornecidos pela família. A qualidade desses cuidados, nos aspectos

físicos e afetivo-social, dependem de condições estáveis de vida tanto socioeconômicas quanto psicossociais. Infelizmente a desigualdade social na realidade brasileira, especialmente no Nordeste ainda não garante, à maioria das crianças, o direito de usufruir dessas condições (ANDRADE, 2005).

De acordo com Andrade (2005), um dos principais elementos para uma adequada estimulação no espaço familiar, é a interação da criança com o adulto ou com outras crianças. Diante desse fato, Duarte (2019), afirma que o desenvolvimento infantil está pautado na interação com o meio. Acerca disso, Vygotsky (1988 apud DUARTE, 2019) defende que a criança aprende e depois se desenvolve. Desta forma, para esse autor, o desenvolvimento de um ser humano ocorre pela aquisição/aprendizagem de tudo aquilo que ele construiu socialmente, ao longo da trajetória da humanidade.

Desta forma, os processos proximais⁴ são mecanismos integrantes dessa interação, auxiliando a criança desenvolver sua percepção, direção e controle do seu comportamento. Possibilitando, outrossim, a aquisição de conhecimentos e habilidades, os quais estabelecem relações e constroem seu próprio ambiente físico e social (ANDRADE, 2005).

Sendo parte do desenvolvimento humano, o desenvolvimento na fase infantil é um processo único – entretanto, com aspectos generalizáveis – de cada criança, que tem como objetivo sua inserção na sociedade em que vive. É apresentado por contínuas mudanças nas habilidades motoras, cognitivas, psicossociais e de linguagem, com novas aquisições progressivamente mais complexas nas funções da vida diária (SOUZA, 2015).

Para que o desenvolvimento da criança seja bem-sucedido, é importante que haja uma contínua participação dos pais ou figura de afeto, bem como que haja o devido entendimento dessas figuras de cuidado em relação às características e necessidades próprias dessa fase do desenvolvimento. Isso facilita o processo natural e paulatino da criança em alcançar, cada vez mais, novos conhecimentos e habilidades antes não atingidas.

⁴ Os processos proximais caracterizam-se pelo estabelecimento de uma interação mútua, progressivamente mais complexa, entre um organismo humano e as pessoas/objetos de seu ambiente imediato, em que ambas as partes se mantêm ativas e se estimulam reciprocamente (DINIZ; KOLLER, 2010).

A fase pré-natal e os primeiros anos de vida da criança são o alicerce deste processo, que surge em decorrência da interação de características biopsicológicas herdadas geneticamente, bem como experiências oferecidas pelo meio ambiente. As experiências da criança são formadas pelo cuidado que a criança recebe e pelas oportunidades que ela tem para pôr em prática ativamente as suas habilidades (SOUZA, 2015).

Este cuidado, personalizado de acordo com as necessidades características do desenvolvimento viabiliza à criança usufruir de todo o seu potencial em cada fase de seu desenvolvimento, gerando repercussões positivas durante a sua vida adulta (SOUZA, 2015)

Sendo assim, no ambiente familiar, contraditoriamente, quando não há este devido cuidado, a criança tanto pode receber proteção quanto conviver com riscos para o seu desenvolvimento. Existem fatores de risco relacionados ao baixo nível socioeconômico e à fragilidade nos vínculos familiares, causando por vezes prejuízos para solução de problemas, linguagem, memória e habilidades sociais (ANDRADE, 2005).

As teorias da aprendizagem social (Bandura) evidenciam a aprendizagem através da experiência, particularmente por meio da imitação e modelação. Piaget (apud PORTUGAL, 2013) defende que o papel da criança no seu próprio desenvolvimento mais do que o dos pais ou dos professores é acatado pelas teorias construtivistas ao admitir-se que a criança constrói o seu próprio conhecimento do mundo.

Da mesma maneira, os contatos entre a criança e seu ambiente também são aceitos pelas teorias sócio construtivistas (Vygotsky, Bruner), que, tratando de maneira igualitária a criança como participante ativo no seu próprio desenvolvimento, destacam o papel das outras pessoas e da cultura no desenvolvimento. De maneira diferenciada da teoria da aprendizagem social, é considerado que a chave para a aprendizagem e desenvolvimento consiste na interação social, e não somente na mera observação, abrangendo processos sociais de comunicação, ensino e aprendizagem (PORTUGAL, 2013).

Assim sendo, Jerome Bruner, psicólogo líder da Revolução Cognitiva durante a década de 1960, descreve a linguagem como um instrumento do pensamento, reconhecendo que o fornecimento de um vocabulário relevante para crianças lhe permite construir ideias, questionar, expor e argumentar, sendo um elemento vital no

desenvolvimento da flexibilidade cognitiva e na construção do seu próprio conhecimento sobre o mundo (PORTUGAL, 2013).

Diante do exposto, é possível inferir que o desenvolvimento infantil é composto por uma série de fenômenos peculiares que ocorrem antes mesmo do nascimento. Quando não há uma devida preparação por parte dos pais ou da figura de afeto, isso pode refletir na maneira como os fenômenos vão se estabelecendo na criança, podendo gerar repercussões negativas, a depender da conduta administrada pelos adultos.

Os pais e/ou a família devem ser os principais provedores de cuidado, garantindo a qualidade deste, para que as apreensões e personalidade dos filhos vá se estabelecendo de maneira saudável. Para que isso aconteça, depende de condições psicológicas, sociais e econômicas favoráveis a este desenvolvimento. Deste modo, fica fácil deduzir que o alcoolismo, dentre as suas mais variadas nuances, em especial o alcoolismo parental, claramente é um agente adverso às condições de desenvolvimento da criança, uma vez que encontramos nele possibilidades de agir contrariamente ao que se estabelece como sendo ideal ou adequado para o desenvolvimento infantil bem-sucedido.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente estudo busca verificar os impactos do alcoolismo parental no desenvolvimento dos filhos e, para compreender este fenômeno, utilizou-se da revisão bibliográfica como uma ferramenta metodológica. A pesquisa bibliográfica é concebida a partir de publicações científicas literárias, como em periódicos, livros, artigos científicos, artigos de jornais, registros históricos, teses, dissertações e outros tipos. Ainda, de acordo com a UNESP (2015), ela é um método que visa buscar, analisar e descrever um determinado corpo de conhecimento, objetivando uma resposta para uma pergunta específica.

Ademais, optou-se pela revisão bibliográfica sistemática, uma vez que utilizamos critérios sistemáticos e explícitos para encontrar artigos, filtrá-los e analisá-los. Conforme a UNESP (2015), uma investigação científica desse tipo é considerada um estudo observacional retrospectivo ou estudo experimental de repercussão e análise crítica da literatura, uma vez que utiliza-se de estudos primários para a sua concretização.

Desta forma, este estudo buscou revisar trabalhos científicos e livros que debatessem o tema alcoolismo parental, bem como suas repercussões e inferências no desenvolvimento dos filhos. Para isso, buscamos trabalhos acadêmicos nas seguintes bases de dados: Sciente Eletronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), Repositório Aberto da Universidade de Porto, Repositório Aberto Universidade Aberta de Portugal, Repositório Universidade de Campinas, Revista Psicofae, Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, Revista Brasileira de Psiquiatria, Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5), Livros, Anal da Universidade Estadual de Londrina, Jornal Americano de Saúde Pública (American Journal of Public Health), Arquivos Abertos Universidade Federal de São Carlos, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Documentos da Organização Mundial da Saúde (OMS), Conselho Nacional de Educação de Portugal, Universo Racionalista, no Repositório Online Luso-Brasileiro Psicologia.pt e 1 (um) artigo da Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP)

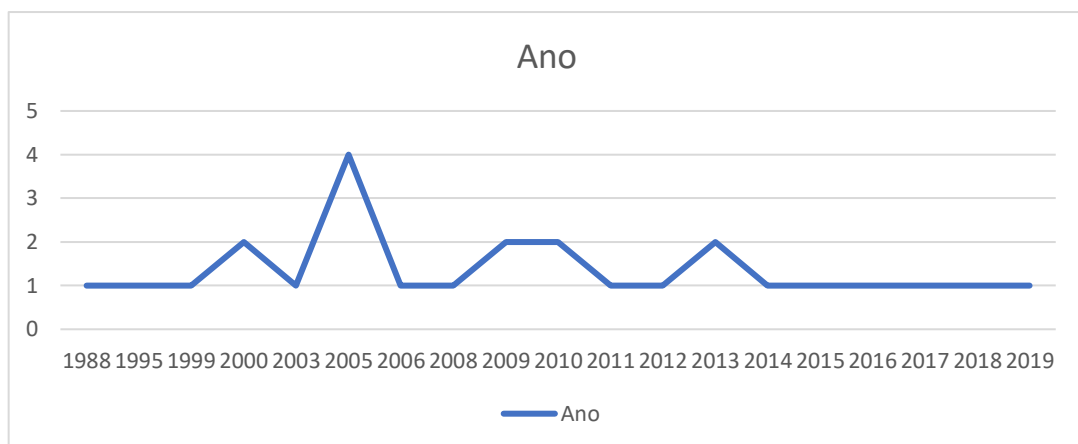
Em nossa investigação, utilizamos os seguintes descritores: alcoolismo parental, alcoolismo, desenvolvimento infantil, infância, alcoolismo paterno, alcoolismo na família. Ademais, foram elencados alguns critérios de inclusão e exclusão. Para a inclusão dos artigos, optamos por: (1) artigos nacionais ou em língua estrangeira; (2) artigos cuja produção data entre o ano de 1999 a 2019. Também foram incluídas produções acadêmicas de tese e dissertação e, como critério de exclusão, optamos por artigos que fossem anteriores ao ano 1995. No mais, para os livros pesquisados, excluímos os que fossem anteriores ao ano 1988.

4 RESULTADOS

Foram pesquisados 39 (trinta e nove) arquivos ao todo e selecionados 27 (vinte e sete) artigos acadêmicos. Dentre eles 3 (três) dissertações de mestrado, 1 (um) relatório de estudo e 1 (um) livro, dos quais: 6 (seis) artigos e 1 (uma) dissertação do SciELO, encontrados pelas seguintes palavras-chaves: alcoolismo; alcoolismo na família; desenvolvimento infantil, 2 (dois) artigos do Pepsic encontrados pelas palavras-chaves: desenvolvimento infantil; alcoolismo parental; alcoolismo na família, 1 (um) artigo no psicologia.pt encontrado pelo termo desenvolvimento infantil. 1 (um) artigo e 1 (uma) dissertação do Repositório Aberto da Universidade de Porto, encontrados pelos termos: alcoolismo parental; alcoolismo, 1 (um) artigo do

Repositório Aberto da Universidade Aberta de Portugal encontrado pelo termo pais alcoólicos, 1 (uma) dissertação do repositório da Universidade de Campinas encontrado pelo termo alcoolismo, 1 (um) artigo da Revista Psicofae encontrado pelo termo alcoolismo parental, 1 (um) artigo da Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental, 1 (um) artigo da Revista Brasileira de Psiquiatria, 1 (um) artigo do Anal da Universidade estadual de Londrina, encontrado pela palavra-chave desenvolvimento infantil, 1 (um) artigo do Jornal Americano de Saúde Pública (American Journal of Public Health), 1 (um) artigo do Arquivos Abertos da Universidade Federal de São Carlos, 1 (um) artigo da Biblioteca Virtual em Saúde, 1 (um) documento da OMS, 1 (um) artigo do Conselho Nacional de Educação de Portugal, encontrado pelo termo Desenvolvimento infantil e 1 (um) artigo do Universo Racionalista. Também foram selecionados 1 (um) livro e o DSM-V. O gráfico 1 abaixo ilustra a relação entre a quantidade de obras consultadas e os seus respectivos anos de publicação.

Gráfico 1 – Relação de obras consultadas e anos de publicação



Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Em atenção à importância do aspecto da contemporaneidade na investigação do tema proposto, a presente pesquisa levou em consideração apenas artigos produzidos no lapso temporal compreendido entre os anos de 1999 a 2019, bem como livros cuja publicação ocorreu posteriormente ao ano de 1988.

Dessa maneira, o conteúdo selecionado pode ser dividido em dois blocos, quais sejam: o primeiro bloco, que trata do alcoolismo em si, como patologia, e o segundo bloco, que trata das consequências negativas que o alcoolismo parental exerce sobre o desenvolvimento infantil dos filhos cujo(a)s genitor(a)(es) padecem dessa doença.

Dos trinta e nove arquivos analisados, foi possível observar a predominância, quase que com exclusividade, da análise qualitativa dos resultados obtidos pelos autores.

5 DISCUSSÃO

De acordo com a literatura (FILIZOLA, 2006; ALVES, 2003; ZANOTI-JERÔNIMO, 2005; SILVA, 2016), é possível concluir que o alcoolismo parental, seja ele materno ou paterno, constitui um grande fator de risco ao desencadeamento de problemas no desenvolvimento infantil, gerando graves consequências seja no âmbito psicológico, social ou emocional.

Portanto, o alcoolismo tem o potencial de atingir negativamente toda a família da pessoa alcoolista, com reflexos diretos nos filhos, provocando traumas permanentes, muitas vezes de difícil ou impossível reparação. Esses reflexos negativos, de acordo com Alves (2003), se devem ao fato de os pais nessas condições geralmente não estarem disponíveis em relação à oferta de amor, encorajamento e companheirismo. Desse modo, como os filhos projetam nos pais um exemplo de como uma pessoa deve ser (ALVES, 2003), as crianças cujos genitores são alcóolatas, segundo Black (1982 apud SILVA, 2016), acabam crescendo com uma imagem negativa dos adultos, acreditando que se tratam de pessoas insensíveis e descuidadas.

Assim, crianças expostas a um ambiente de alcoolismo parental geralmente apresentam problemas psicológicos como timidez, medo, insegurança, raiva, ódio e culpa (DUTSH, 1982 apud SILVA, 2016), bem como problemas no desenvolvimento escolar representados por notas baixas, falta de organização e pouca motivação em relação às atividades escolares (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005).

A literatura (ANDRADE, 2005) evidencia que o ambiente familiar é de suma importância para o desenvolvimento psicológico e cognitivo dos filhos, pois exerce grande influência sobre a concepção que a criança construirá sobre o mundo e sobre o seu próprio papel – ou a função que deseja desempenhar – nos relacionamentos sociais e afetivos.

Nesse contexto, uma pessoa que padece de alcoolismo acaba afetando negativamente todos os membros envolvidos no seu ambiente familiar, em especial os filhos, devido à condição de vulnerabilidade desses últimos. Em conformidade com Heckmann (2005), uma pessoa alcoolista apresenta diversos fatores de riscos

ambientais e genéticos, cujo comportamento pode ser agressivo, descontrolado e compulsivo.

Famílias nas quais algum(s) membro(s) padece(m) de alcoolismo, sofrem sérios impactos negativos na lógica da estrutura familiar. Isso pode fazer com que, muitas vezes, os papéis não sejam bem distribuídos, tornando o ambiente instável, com episódios de violência. Isso pode ocasionar o presenciamento de situações degradantes, descredibilização da família e perda da confiança por parte da sociedade, parentes e, até mesmo, seus próprios membros (FILIZOLA, 2006).

As crianças, como aponta Alves (2003), tomam seus pais como espelho para desenvolver suas personalidades, pois a figura parental, para elas, é a referência máxima daquilo que se almejam ser quando crescer. Quando o ambiente familiar está fraturado, toda a lógica dos relacionamentos interpessoais também fica fragilizada.

Em algumas situações, conforme relata Alves (2003), diante da falta de disponibilidade dos adultos, as crianças correm o risco de assumir as responsabilidades e encargos da família, como cuidar das tarefas domésticas e dos irmãos mais novos. Nesses casos, de acordo com Black (1982 apud SILVA, 2016), impactos negativos geralmente são notados no desenvolvimento dos filhos, principalmente quando eles não desenvolvem nos pais uma referência.

Diante disso, o alcoolismo parental, acarreta em diversos resultados danosos ao desenvolvimento das crianças e adolescentes. Conforme visto, a Tabela 1 indica alguns resultados percebidos por Zanoti-Jerônimo (2005), com certa frequência, de problemas psicológicos, comportamentais e emocionais experimentados por crianças e adolescentes submetidas a um ambiente familiar nessas condições.

Tabela 1 – Agrupamento temático de problemas constatados em filhos de pais alcoolistas

Problemas identificados

Abuso de substâncias	Maior índice de uso de álcool	Uso de drogas ilícitas	
Comportamentais	Maior taxa de baixo rendimento escolar, desinteresse pelos estudos	Dificuldades no relacionamento interpessoal e na expressão de sentimentos	Comportamento desordeiro
Emocionais	Déficit de atenção e outros déficits cognitivos	Baixa autoestima, depressão, ansiedade	Agressividade e estresse

Fonte: Elaborado pelos autores (2020) a partir de dados obtidos com Zanoti-Jerônimo (2005).

Ao fazer uma análise dos dados constantes na Tabela 1, cabe salientar o fato de que o alcoolismo possui fator biológico de transmissão hereditária da patologia. Isso seria capaz de explicar, ao menos em parte, o motivo pelo qual filhos de pais alcoolistas são mais propensos a desenvolver o alcoolismo (WUNSCH, 2011 apud BATISTA, 2015; ZANOTI-JERÔNIMO, 2005). Em termos quantitativos, pesquisas indicam que essas crianças e adolescentes, em comparação àquelas cujos genitores não são alcoolistas, possuem chances 4 (quatro) vezes maiores de desenvolver a patologia (GRANT, 2000).

Assim, essas crianças são mais propensas ao uso do álcool e drogas ilícitas. Acerca disso, podem ser apontados dois motivos para justificar a constatação desse padrão nas crianças submetidas a essa condição. O primeiro deles é o de que a criança vê o exemplo em casa do vício no álcool como maneira de fugir dos problemas. Assim, ela reproduz aquele comportamento, buscando encontrar na bebida ou em alguma droga ilícita um refúgio, algo que a faça esquecer do quão difícil é a realidade do seu contexto familiar e, dessa maneira, o hábito torna-se um vício (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005).

O segundo motivo, por sua vez, pode ser relacionado ao fato de ela associar o padrão de conduta alcoolista como sendo algo comumente aceitável, uma vez que a

criança pode assimilar como normal uma coisa que está sempre presente no seu cotidiano. Outrossim, conforme apontado, no desenvolvimento infantil, a criança vê nas figuras parentais uma inspiração, um espelho segundo o qual elas acreditam ter de se projetar (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005).

Em qualquer caso, o fácil acesso à bebida alcoólica é um fator de grande contribuição. Todavia, não se pode perder de vista o fato de que cada família possui sua própria estrutura, organização e modo de conviver. Desse modo, não há como definir um padrão ou conceito objetivo e geral para justificar o índice de alcoolismo mais elevado entre os filhos de pais em situação de alcoolismo (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005).

Além disso, os problemas comportamentais que também constam na Tabela 1 (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005), são fatores que, mais uma vez, colocam em desvantagem as crianças submetidas ao alcoolismo parental. Esses problemas refletem no comportamento e psicológico das crianças, assim como também podem estar relacionados ao abuso de substâncias.

O fato gerador desses problemas está no alcoolismo parental, em razão da influência que a dependência pelo álcool da(s) figura(s) parental(is) causa nos filhos (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005), levando em consideração que, de acordo com Tobo e Zago (2005), as consequências da dependência química de um indivíduo aumentam os problemas, crises e conflitos rotineiros no âmbito familiar.

De acordo com Zanoti-Jerônimo (2005), a criança pode desenvolver um comportamento desordeiro no âmbito escolar, em decorrência do alcoolismo parental. É possível compreender, desse modo, que esse mau comportamento pode ser empregado como forma de extravasar os problemas ou, até mesmo, como forma de protesto para chamar a atenção dos pais.

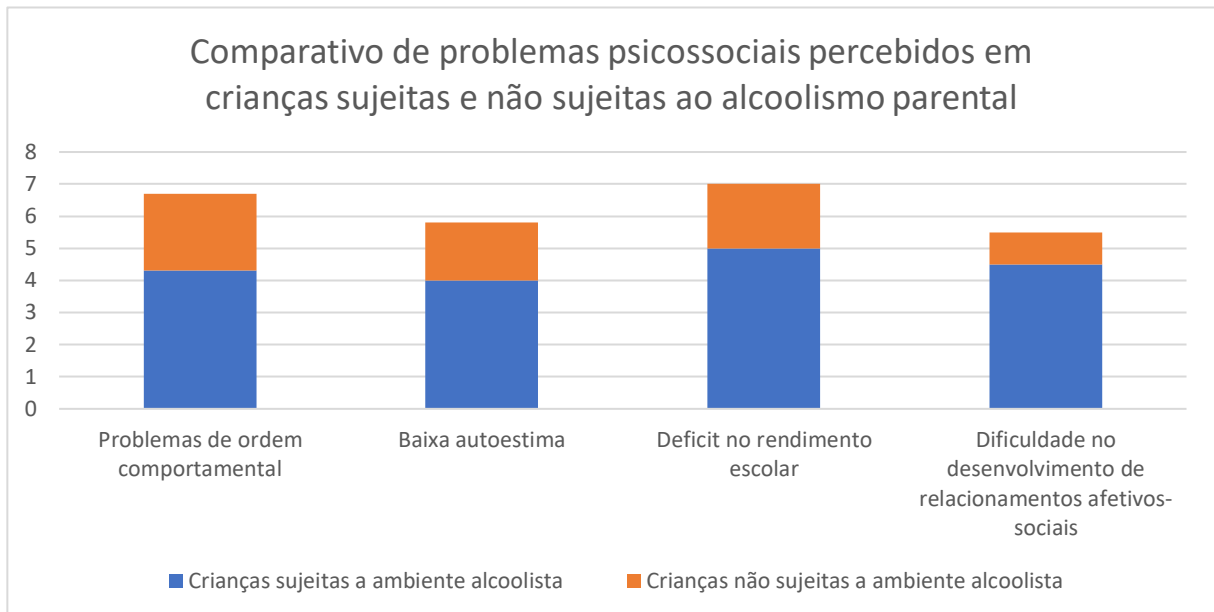
Diante disso, em relação ao comportamento desordeiro no âmbito escolar (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005), é certo que os seres humanos, de modo geral, anseiam por reconhecimento para desempenhar as atividades que lhe cabem, da mesma maneira acontece com as crianças, de forma até mais acentuada. Além disso, não se pode perder de vista o fato de que a criança está pulando uma fase do seu desenvolvimento, tendo que lidar com problemas que geralmente são enfrentados por adultos (ALVES, 2003). Portanto, é natural que sua mente fique cheia, inibindo o seu foco e atenção, principalmente nas atividades escolares (ANDRADE, 2005).

Quanto aos impactos negativos emocionais, a Tabela 1 (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005) mostra que a criança que vivencia a condição do alcoolismo parental comumente apresenta déficit de atenção e outros déficits cognitivos. Como já dito, os problemas vivenciados por crianças sujeitas a essa condição atrapalham o seu regular desenvolvimento, pois elas são obrigadas a lidar com problemas que ainda não compreendem, pulando, assim, etapas da sua infância, para ter que lidar com problemas de adulto.

Nessa mesma perspectiva, a criança também pode apresentar baixa autoestima, depressão, ansiedade, agressividade e estresse. O presenciamento em eventos estressores no convívio familiar são bastante comuns quando algum dos genitores ou ambos os genitores da criança sofrem de alcoolismo e isso pode desencadear uma série de consequências psicopatológicas, evidenciando a gravidade dos efeitos que a figura parental alcoolista causa sobre a criança (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005).

Diante disso, é fundamental que sejam garantidas as mínimas condições para um desenvolvimento infantil saudável, pois essa fase da vida determinará muitos aspectos da personalidade da pessoa, mesmo quando adulta. Para tanto, a figura parental ou de afeto é de extrema relevância, pois nela a criança irá depositar toda a sua confiança e dependerá totalmente dessa figura para exercer os atos da vida.

Nesse cenário, é patente notar a incidência de graves problemas nas crianças cujo desenvolvimento infantil é afetado pelo alcoolismo parental. Acerca disso, destacamos o Gráfico 2, de acordo com os dados apresentados por Silva (2016), no qual se evidencia que as crianças sujeitas ao alcoolismo parental apresentam índices maiores de problemas de ordem comportamental, baixa autoestima, déficit no rendimento escolar, além de dificuldades no desenvolvimento de relacionamentos afetivos e/ou sociais, quando comparadas a crianças não sujeitas a essa condição.

Gráfico 2 – Ilustração dos resultados apresentados por Silva (2016)

Fonte: Elaborado pelos autores (2020) a partir de dados obtidos com Silva (2016).

Interpretando as informações obtidas com a pesquisa, é possível concluir que esses problemas derivam de diversos fatores relacionados aos sintomas do alcoolismo. Em um ambiente familiar, no qual a criança não se sente segura e acolhida há uma maior probabilidade de ela desenvolver um ou mais tipos de transtornos.

Ademais, os pais em condição de alcoolismo priorizam o vício na bebida, isso faz com que a criança possa se tornar uma pessoa insegura, ansiosa, depressiva ou até mesmo com déficits cognitivos, representados pela dificuldade de aprendizado e comunicação (ANDRADE, 2005).

Nesse sentido, é muito comum de ser percebida na criança uma dificuldade no desenvolvimento das relações interpessoais e para a expressão de sentimentos (SILVA, 2016). O que, a depender do contexto, impedirá o seu completo e regular desenvolvimento interpessoal, lhe trazendo sérios prejuízos para os atos da vida em sociedade, como a dificuldade de se comunicar (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005) e confiar nos adultos (BLACK, 1982 apud SILVA, 2016).

Isso, porque, como dito, nessa situação de alcoolismo parental a bebida alcoólica assume o papel mais relevante na vida dos pais. Logo, a criança, comumente, sente-se rejeitada e com problemas de autoestima (SILVA, 2016), então quando a criança não vê correspondido o seu desejo por atenção, ela pode se fechar e bloquear seus sentimentos como uma forma de defesa (DUTSH, 1982 apud SILVA, 2016).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise do que foi exposto, é possível concluir que a presença do alcoolismo na vida de adultos, que carregam consigo a responsabilidade de ser pais, afeta toda a dinâmica familiar. Dentre os problemas constatados destaca-se a intensificação dos conflitos e crises rotineiras no seio da família (TOBO; ZAGO, 2005).

Ainda, no decorrer da pesquisa, ficou clara a importância de um ambiente familiar saudável e adequado para que seja propiciada à criança a oportunidade de ter um bom desenvolvimento infantil. Por ambiente familiar saudável e adequado, pode-se entender aquele em que a criança recebe um cuidado personalizado, com boas oportunidades de interação e experiências vivenciadas no meio ambiente, de acordo com cada fase do desenvolvimento infantil, de modo a permitir que usufrua de todo o seu potencial, o que, conseqüentemente, vai gerar boas repercussões durante a sua vida adulta (SOUZA, 2015). Contudo, vimos que esse não é o ambiente encontrado nos casos de alcoolismo parental.

De forma geral, a literatura aponta que quando os filhos estão sujeitos a um ambiente de alcoolismo parental, problemas comportamentais, sociais e psicológicos normalmente são desenvolvidos, colocando-os em desvantagem em comparação a outras crianças não sujeitas ao alcoolismo parental (SILVA, 2016). Dentre os problemas mais comuns apresentados pelas crianças expostas a essa condição, citam-se os problemas como mal comportamento, timidez, insegurança, medo e dificuldade de comunicação e expressão de sentimentos (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005).

Dessa forma, é evidente o impacto negativo que a dependência alcóolica dos pais repercute na vida dos filhos. O desenvolvimento infantil é extremamente afetado, na medida em que as más experiências as quais a criança é submetida ficam marcadas na sua personalidade, surtindo efeitos, inclusive, durante a sua vida adulta (SOUZA, 2015).

Nesse cenário, a criança, muitas vezes, não dispõe de um ambiente que estimule o seu desenvolvimento nas situações em que não encontra nos pais a disponibilidade necessária de uma fonte de amor, encorajamento e companheirismo (ALVES, 2003). Essa ausência reflete diretamente em dificuldades que a criança encontrará para desenvolver relações interpessoais, pois, ao não ser habituada a

conversar sobre sentimentos com sua família, dificilmente aceitará como natural esse tipo de relacionamento com outras pessoas de seu convívio. A interação social da criança, portanto, fica prejudicada de forma geral.

É importante ressaltar que não só os aspectos relacionados à vida social da criança são afetados negativamente. Os filhos de pai(s) alcoólista(s) também são afetados internamente, uma vez que durante o desenvolvimento infantil - que, como dito, é o processo no qual eles constroem a sua personalidade -, experimentam problemas de baixo estima, depressão e quadros de ansiedade (ZANOTI-JERÔNIMO, 2005).

Em suma, o alcoolismo parental provoca efeitos sérios e negativos no desenvolvimento infantil. A comercialização e uso do álcool merecem, portanto, mais atenção dos estudos sociais, devendo ser levado em consideração o fato de que quando uma pessoa se torna alcóolatra, toda a sua estrutura familiar adocece junto, em especial os filhos cujo desenvolvimento infantil é, como demonstrado, seriamente comprometido.

Nesse sentido, como medida de minimizar os impactos negativos da condição de alcóolatra dos pais no ambiente familiar, devem ser pensadas ações que proponham intervenções com o objetivo de auxiliar os filhos afetados por essa condição presente em um ou ambos os genitores. Por exemplo, nas campanhas publicitárias relacionadas ao consumo de álcool, poderiam constar avisos quanto aos efeitos que o alcoolismo parental repercute no desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. A. D.; ANDRADE, N. M. N. D. Condições necessárias para o desenvolvimento infantil: afetividade, aprendizagem e inteligência. **Psicologia.pt.**, Olinda, 2017.

ALVES, A. P. T. **Alcoolismo paterno e comportamento/ rendimento escolar dos filhos - contribuição para o seu estudo**. 2003. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria e Saúde Mental) - Faculdade de Medicina, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

ANDRADE, S. A. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Rev. Saúde Pública**. São Paulo, 2005.

BATISTA, A. P. **Alcoolismo paterno e práticas educativas**. Curitiba: Editora CRV, 2015.

BENZATO, C. E. M. Sobre a distinção entre “critério” e “sintoma” na nosologia psiquiátrica. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.**, São Paulo, V. 3, n. 3, p. 9-17, 2000.

CABRAL, J. C. **Uma Introdução à Neurociência das Emoções**. Universo Racionalista. 2018.

CABRAL, L. do R. **Alcoolismo Juvenil**. Viseu, 2005.

DEL PORTO, J. A. **Conceito e diagnóstico**. Rev. Bras. Psiquiatr. São Paulo, v. 21, 1999.

DINIZ, E.; KOLLER, S.H. O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. **Educ. Rev.**, Curitiba, nº 36, p. 65-76, 2010.

DSM-IV-TR. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. trad. Cláudia Dornelles. 4. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2012.

DUARTE, B. da S. Desenvolvimento infantil: importância das atividades operacionais na educação infantil. Mossoró, 2019.

FILIZOLA, C. L. A. Compreendendo o alcoolismo na família. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, 66-67, 2006.

GRANT, B. F. Estimates of US Children Exposed to Alcohol Abuse and Dependence in the Family. **American Journal of Public Health**, 2000.

HECKMANN, W.; SILVEIRA, C.M. **Dependência do álcool: aspectos clínicos e diagnósticos**. Barueri, SP: Minha Editora, 2009.

LOPES, C. H. **Produção de etanol a partir da cana-de-açúcar tecnologia de produção**. São Carlos Editora: EDUFSCar, 2011.

MEDEIROS, K. T. et al. Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares e usuários. *Psicologia em estudo*. Maringá, v. 18 n. 2, 2013.

MILAM, J. R.; KETCHAM, K. **Alcoolismo: os mitos e a realidade**. São Paulo: Nobel, 1988.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10. ed. rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2010.

PORTUGAL, G. **Desenvolvimento e aprendizagem na infância**. In: Conselho Nacional de Educação (org.). Relatório do estudo – A educação das crianças dos 0 aos 12 anos. Lisboa: Ministério da Educação, 2009.

REINALDO, A. M. dos S.; PILLON, S. C. Repercussões do alcoolismo nas relações familiares: estudo de caso. **Rev. Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, 2008, n. 16.

SANTOS, F. S. D. dos. **Alcoolismo**: a invenção de uma doença. 1995. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SILVA, A. I. da. **Crianças filhas de pais alcoólicos**: prevenção de comportamentos de risco. Lisboa, 2016.

SILVA, P. A. D.; SILVA, M. R. S. D.; VAZ, M. R. Características pessoais de filhos de alcoolistas: um estudo na perspectiva da resiliência. **av. enferm.**, Bogotá, v. 31 n. 2, p. 92-100, 2013.

SOUZA, J. M. **Desenvolvimento infantil**: análise de conceito e revisão dos Diagnósticos da NANDA-I. 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, 2014.

TOBO, N. I. V.; ZAGO, M. M. F. El sufrimiento de la esposa en la convivencia con el consumidor de bebidas alcohólicas. **Revista Latino-Americana Enfermagem**. Ribeirão Preto, 2005, n. 13.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos**. São Paulo, 2015. 02 p.

ZANOTI-JERÔNIMO, D. V. **Alcoolismo parental e suas repercussões sobre crianças e adolescentes**: uma revisão bibliográfica. Ribeirão Preto, 2005.